

AUTO-SABOTAGEM: O PRINCIPAL OBSTÁCULO À EVOLUÇÃO DE UM JOVEM

Annalisa Cangelosi⁵¹

1.

Na vida de um jovem inteligente, cedo ou tarde se apresenta, sem dúvida, a ocasião de iniciar a construção do próprio percurso evolutivo (pessoal, profissional, social etc.), por exemplo, através de uma nova oportunidade de trabalho, da possibilidade de um salto de carreira e assim sucessivamente.

Na maioria das vezes, porém, o jovem “queima” a ótima possibilidade que tinha e se encontra mais atrás que no início. Os impedimentos podem ser diversos: família, sociedade, amigos etc. Mas existe um que é primário a todo o resto, e que representa a causa principal do retardo no desenvolvimento do jovem: a *auto-sabotagem*, ou seja, é o próprio jovem que, mesmo inconscientemente, cria obstáculos – de fato – ao próprio processo de crescimento.

Como isso ocorre? Vejamos quais podem ser as causas e as soluções para este problema.

2.

As fases de destruição da grande oportunidade são em geral as seguintes:

a) *Auto-gratificação*. No momento em que lhe é oferecida uma possibilidade, o jovem sente que já “chegou”. Por exemplo, pensa: “Vê, agora compreenderam quanto valho...! Agora os faço ver quem sou...!”. E ainda não fez nada... De tal modo inicia imediatamente a comprometer a confiança que lhe fora concedida.

b) *Onipotência*. O jovem crê poder atingir rapidamente e com facilidade metas para as quais ainda é muito impreparado; põe-se objetivos não adequados às próprias capacidades e – não conseguindo atingi-los – entra em estresse.

c) *Pressa*. Não é paciente consigo mesmo, não aceita esperar amadurecer do ponto de vista pessoal e profissional. Na natureza, todos os seres

⁵¹ Professora.

vivos evoluem segundo específicas etapas, que seguem tempos que não se podem saltar. Pensemos nas gaiivotas ou nos albatrozes. Depois do nascimento, um albatroz passa dez anos no mar antes de reproduzir-se, para aprender como se voa, como se governam os ventos, como se pesca etc. Uma base sólida é fundamental, de outro modo se constrói uma casa sobre alicerces instáveis que cedem na primeira dificuldade, fazendo cair o que foi realizado até aquele momento.

d) *Atitude de superioridade*. Este aspecto refere-se de modo particular às relações com os outros. Sentindo-se já “lá”, o jovem assume um comportamento esnobe e irritante que o torna antipático aos olhos dos colegas, dos amigos etc. E isto ocorre também na relação com pessoas que têm muito mais experiência do que ele, que já fizeram – como se diz – seu “pé-de-meia”, e dos quais seria melhor aprender. Isto é típico dos jovens: no confronto com um adulto (que seja um chefe de escritório, um professor, ou qualquer outro), comporta-se como com os próprios pais, pretendendo ser reconhecido sem ter produzido nada.

e) *Preguiça e agressividade*. Após certo período, porém, a conta não fecha, ou seja, revela-se que este jovem não constrói, não faz, mas fala e basta (ainda que do seu ponto de vista, o sujeito está certo de ter feito o que devia, embora bastasse a análise onírica para evidenciar o contrário). A frustração que disso resulta induz o jovem a projetar a própria raiva contra os outros. Inicia, portanto, uma fase na qual o sujeito convive no interior de si mesmo com sentimentos de rancor, por exemplo, contra os colegas que, segundo ele, não merecem certa posição, ou então se enraivece julgando injusto o fato de não receber uma promoção que esperava, e assim sucessivamente. Isto ocorre em maior medida aos jovens muito inteligentes que, porém, são *preguiçosos* e que vêem outros seus coetâneos (menos dotados que eles, ou que eles assim julgam) seguir adiante. Em essência, ao invés de “arregaçar as mangas” e investir a própria energia de modo funcional, desperdiçam-na nessa ladainha agressiva.

f) Fundamentalmente, o quanto dito até aqui poderia ser resumido na *falta de humildade* por parte do jovem, que o leva a não colher a possibilidade que, ao contrário, deveria ter metabolizado. O erro fundamental que o sujeito faz é contra si mesmo. De fato, além de desestabilizar equilíbrios nas relações entre as pessoas do ambiente onde se encontra a operar (relações de confiança que podem ter sido construídas até mesmo com anos de trabalho),

de tal modo revelando-se um *problema* e não uma solução, causa o pior dano ao próprio projeto, ou melhor, ao próprio Em Si ôntico. De fato – para retornar ao exemplo precedente – no momento da proposta de trabalho, o Em Si ôntico havia se expressado, através da intuição (que pode ser colhida, entre outros modos, por meio do sonho) e, nesse caso hipotético, tinha aprovado tal oportunidade. Destruindo tal possibilidade evolutiva, portanto, o jovem denota uma falta de coerência, fidelidade e amor pelo próprio percurso de crescimento.

g) Enfim, devido ao acumular-se dessas fases regressivas, ocorre depois o *erro* final (geralmente um erro grave), que representa a conseqüência lógica das premissas colocadas pelo jovem. Nesse ponto, inicia a fase do *carma*, na qual o sujeito deve “igualar as contas”, ou seja, pagar as conseqüências das ações erradas que cometeu.

Muitos se perdem nesta passagem: o orgulho é muito forte, a força de vontade desaba diante da fadiga necessária para retornar ao ponto de partida, o mundo externo atrai com os seus falsos mitos e valores, e o jovem, embora muito inteligente e dotado de infinitas possibilidades, cede.

3.

Há, porém, alguns jovens que não se rendem diante dos próprios erros, mas encontram a força para reiniciar e sair do túnel da auto-sabotagem. Esses jovens podem viver momentos de grande crise, porém conseguem manter a salvo o próprio objetivo no interior de si mesmos.

Qual é a solução?

a) Antes de mais nada, é indispensável *aceitar com humildade os erros cometidos*, sem economizar a si mesmo. Culpar-se é inútil, assim como fingir que nada aconteceu: houve o erro, é uma evidência de fato; porém, pode ser analisado, compreendido e, portanto, resolvido. Onde o problema mata a maioria, estimula os fortes: é uma oportunidade de crescimento.

b) É necessário, portanto, *centrar-se novamente em si mesmos*. Nesta fase, é fundamental a consultoria ontopsicológica, que permite restabelecer o contato direto entre o Em Si ôntico e o Eu lógico histórico da pessoa. Nesse ponto, é o Em Si ôntico que, gradualmente, inicia a dar novamente os sinais, por exemplo, por meio do sonho. A consultoria não deve ser vista e vivida nem como um momento inquisitório, nem com a atitude de busca de assistencialismo, mas considerando-a como um *investimento* do próprio

tempo e dinheiro para compreender melhor a si mesmo. Por outro lado, o consultor não faz mais do que expor aquilo que o Em Si ôntico do próprio cliente comunica, nada mais. Conseqüentemente, é tarefa do jovem colocar-se objetivos claros e investir séria e constantemente em ações concretas, seguindo as diretivas que o seu Em Si ôntico – fonte da intuição – fornece cotidianamente.

c) Resulta muito útil, nesta fase, encontrar *momentos nos quais dar espaço à própria interioridade* (por exemplo, lendo um bom livro), momentos nos quais não haja nem mesmo o empenho de pensar naquilo que se está fazendo. E se é verdade que a maior parte dos livros “diz” algo, há alguns livros que “fazem” algo, e certamente quem já teve oportunidade de ler um livro de Ontopsicologia poderá confirmá-lo. Bastam quinze minutos pela manhã, após o almoço e à noite. Escolhe-se um livro sobre o qual se quer documentar, dedicando os quinze minutos da noite para reler o que se estudou durante o dia, e se começará a compreender a enorme utilidade desta formação intelectual. Pode-se iniciar com *A Arte de Viver dos Sábios*⁵², para depois chegar a livros como *OntoArte. O Em Si da Arte*⁵³.

A tal propósito, para todos os estudantes de Ontopsicologia da Universidade Estatal de São Petersburgo (que sei estarem em grande parte presentes neste Congresso) e, de todo modo, para todos aqueles que estudam esta ciência, posso dizer por experiência pessoal que este é também um ótimo método de estudo, por meio do qual – no arco de alguns meses – é possível aprender discretamente ao menos os textos de base – *Manual de Ontopsicologia*⁵⁴, *Campo Semântico*⁵⁵ etc.

⁵² MENEGHETTI, A. *L'Arte di Vivere dei Saggi*. 3.ed. Roma: Ontopsicologica Editrice, 2003.

⁵³ MENEGHETTI, A. *OntoArte. L'In Sé dell'Arte*. Roma: Ontopsicologica Editrice, 2000.

⁵⁴ MENEGHETTI, A. *Manuale di Ontopsicologia*, op.cit.

⁵⁵ MENEGHETTI, A. *Campo Semantico*, op.cit.